



X Encontro da Internacional dos Fóruns
VI Encontro internacional da Escola
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

DA GAIA CIÊNCIA A ALEGRIA

CLARA CECILIA MESA

“Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”¹

A que se refere Lacan? De que *joie*, de que alegria fala? Pergunta importante pois não foram poucos os afetos que Lacan utilizou para referir-se ao ato que é próprio ao analista: a sublimação como a única satisfação possível ao final de análise no seminário VII, depressão ao final da análise na *Proposição do Passe* em 67, a satisfação do fim no Prefácio a edição inglesa do seminário 11, o entusiasmo da Nota aos Italianos, entre outros.

Para me aproximar um pouco desta pergunta me remeto ao lugar mesmo do qual parte: a Alocução sobre as psicoses da criança. Nela, a pergunta pela alegria não estava sozinha, senão colocada de maneira correlativa com a tristeza, “da tristeza motivada por uma alegria retornada até a invocação do sentimento de incompletude, ali onde caberia situá-la na lógica”² e no contexto de uma ética: A ética na qual se constitui o sujeito, “De fato,

¹ Lacan, Alocução sobre as psicoses da criança de 22 de outubro de 1967. Em *Outros Escritos*. Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro, 2003. P.367

² Pág. 368

parece que corríamos o risco de esquecer, no campo de nossa função, que há uma ética na base dele.”³

Esta ética da alegria parece mais aproximar-se da ética spinoziana do que da dimensão trágica de Antígona. Lacan passou da dimensão trágica do desejo a alegria.

Em Spinoza a alegria é um afeto que leva a passar de um estado de menor perfeição a um de maior perfeição, o que quer dizer duas coisas: primeira: para ele “perfeição e realidade⁴ são uma e mesma coisa”, talvez não seja forçar as coisas dizer que tanto em Spinoza como em Lacan, no real não falta nada, o real é o que é e não pode ser de outra maneira, e, em consequência, segunda: a alegria é o que leva a perseverar no ser, é seu modo particular de expressar o “chega a ser o que és.” O qual se opõe a qualquer aspiração a um perfeição ideal, a aspiração “dos que preferem sonhar com os olhos abertos” ou viver com os olhos fechados. Clamor da humanidade!

Então, Lacan se refere ao saber alegre, da gaia ciência? O saber alegre que opõe à covardia moral, como paixão triste que não quer saber? Sabemos que este saber está ligado a “gozar do deciframento do inconsciente”. Este é sem dúvida um movimento vital da ação do analista, passar da tristeza covarde à alegria de buscar no inconsciente uma *variété* que, como verdade e variedade, decifre o singular de uma verdade da qual o sujeito não quer saber. Mas, é suficiente? Será que este gozo de deciframento não deixa o analista numa posição de melômano, no dizer de Bousseyroux, adormecido ele mesmo no “mélo-dit”?

³ Ibidem. Pág. 362

⁴ Me refiro a noção de realidade em Spinoza, a que somente se pode conhecer pelo terceiro gênero de conhecimento. A outra para ele é mutilada e enganadora.

Portanto essa alegria conta, mas não é suficiente. Há outra? A referência pode evocar uma satisfação...

Lacan aspira que a tristeza não esteja do lado do analista que provou pela sua própria análise que gozar do deciframento não tem outro fim senão a fuga de sentido. Um desprendimento então para outra satisfação, uma satisfação que não se engana com o desfiladeiro mentiroso da verdade.

É uma mudança de perspectiva, há uma via essencial que implica o Real expresso em sua *Alocução* sob as fórmulas do “*ser-para-o-sexo*” e *da castração*: a alegria ou a tristeza se definem então, pela possibilidade que os analistas tenham de encarar sua tarefa frente a eles. Então Lacan interroga os analistas:

“ Mas estaremos nós a altura do que parecemos, pela subversão freudiana, ser convocados a carregar- O ser-para-o-sexo? Não parecemos muito valentes para manter esta posição.

Nem tampouco muito alegres. O que, penso eu, prova que não pegamos a coisa em absoluto... E não pegamos a coisa em razão daquilo que os psicanalistas dizem bem claro para suportar sabe-lo, e que designam, graças a Freud, como castração: O ser-para-o-sexo.”⁵

É claro que a pergunta que Lacan dirige aos analistas, é algo como “psicanalistas não mortos, segue carta! (lettre suit!)⁶, estamos ou não a altura de nossa tarefa? É a partir dessa reedição do chamado de Lacan aos analistas que propomos interrogar as garantias de nossa Escola e sua resposta frente aos discursos.

⁵ Idem, pág. 362-363

⁶ Lacan, A Terceira

E aqui as perguntas que animam os debates para o VI Encontro Internacional de Escola.⁷

– O que, em nosso funcionamento de Escola, procede, com pertinência, de cada um dos discursos? – Como, na Escola, controlamos nossos processos de seleção e de garantia, como os situamos na ordem dos discursos, estando entendido que nenhum deles vai sem os outros três com os quais ele fecha o círculo ordenado do desejo?

– Como aí intervém o quinto discurso, do capital, que desfaz esse círculo para se impor sozinho?

– Como a psicanálise pode oferecer tratar os impasses do sujeito se o discurso contemporâneo se sustenta por não admitir nenhum?

– Entre recuo monástico, com sua ameaça de fragmentação, e impostura fadada à retaliação coletiva, quais estratégias adotar para conservar a reconquista do campo freudiano e lacaniano?

⁷ Marc Strauss. A Escola e os discursos, “Que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?” Apresentação *VI Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]*, Barcelona 2018 em :Wusch 17